

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: roberto.simoes@ufes.br

Quando emerge uma crise nacional, o governador Hartung logo anuncia internamente que irá se dedicar a tratá-la. Não faltam entrevistas, palestras

PH se repete

Escolhi a política para iniciar um balanço de dois anos do terceiro mandato do governador Hartung. Isso porque, nessa crise aguda, novas realizações aparentes são diminutas. Prevalece a suspensão ou a redefinição de projetos e obras, que o diga o BRT. O tom é fiscal. Como ficar, então, na ribalta?

Lendo as suas últimas entrevistas, rememorei temas do passado recente de seu estilo supremo. Revisitei artigos sobre os dois mandatos no livro “Estado em Questão. Pequenez, Crime Organizado e Unanimidade” (Vol. I, Edufes).

Resgatei o “Será?” (23/03/2010). Nele, escrevi sobre o “clima de suspense” que, reiteradamente, o governador Hartung engendra: “Esse clima fertiliza bochichos e sinais confusos - com o intuito de mantê-lo em evidência”. É uma agenda política cíclica.

Identifiquei cinco temas que se repetem em momentos propícios ou forçados – como é o caso do primeiro.

1. Sucessão. Precipitada após os prefeitos eleitos na Grande Vitória e cidades médias não girarem na primeira órbita do governador, o enigma veio mediante quatro possibilidades internas ao governo e outras quatro externas; o número já está em uma

dúzia. Abriu as especulações – e atrai o foco para si. Parece buscar continuar no comando face à ausência de execuções de serviços e obras vistosos. Mas há desafios estaduais que poderiam estar sendo tratados no lugar dessa bolsa especulativa de nomes.

Os outros três temas estão intrinsecamente relacionados.

2. Nacional. Quando emerge uma crise nacional, o governador Hartung logo anuncia internamente que irá se dedicar a tratá-la. Não faltam entrevistas, palestras. No segundo mandato, chegou a repassar formalmente a coordenação de projetos estaduais para o vice.

3. Vice-presidente quiçá presidente. De tempos em tempos, cogita-se o governador Hartung para ser candidato a vice-presidente – desde Lula/Dilma. Agora, nota-se um salto nessa cotação: Presidência. É instigante que, ao mesmo tempo, ressurgem clássicos fatores inibidores construídos no e sobre o Espírito Santo, como o “Estado pequeno”, que contrastam com essa máxima pretensão política. Como torná-la crível?

4. Mudança de partido. Presente na sua trajetória política, aventa-se mais uma mudança, deixando o PMDB para o PSD – ou algo assemelhado.

Por fim, mas não menos importante: 5. Promotor da “pax capixaba”. Faltam um ou dois políticos para selar a ausência total de oposição. Há uma diversidade gravitando em torno do único.

O que se repetirá (ou não?) em 2018?